

## **A construção dos "outros-do-jornalismo": um estudo sobre alteridade e outridade<sup>1</sup>**

Stéfani FONTANIVE<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Neste artigo, propomos refletir sobre a outridade enquanto o estudo fenomenológico dedicado ao entendimento do “outro” (LÉVINAS, 2004; TREANOR, 2006; FREITAS, 2017), assim, levamos em consideração a compreensão do “outro” como uma premissa da atividade jornalística. Como aponta Martino (2016a), apenas por contar uma história, a existência desse outro torna-se indispensável. Ele defende que a comunicação é compartilhamento, sendo assim, é necessário que exista um eu e um outro (MARTINO, 2016a). Mas quem é esse outro, qual a definição de outridade e como a alteridade influencia na construção da narrativa jornalística são perguntas e reflexões socialmente importantes para entender a forma que “o outro” e que determinados sujeitos e grupos são introduzidos na sociedade por meio do jornalismo. Com base nesse entendimento, o presente trabalho visa responder a seguinte questão: como o estudo da alteridade e da outridade pode auxiliar na compreensão sobre como o outro é construído no jornalismo? Nosso ponto de partida é o entendimento teórico sobre os conceitos de alteridade e de outridade, assim como sua relação com o jornalismo. Portanto, explicaremos de modo teórico-reflexivo esses dois conceitos e, também, sobre como eles nos ajudam a identificar o "outro" no texto jornalístico. Primeiramente, utilizamos como fundamentação teórica as obras de Berger e Luckmann (2004a; 2004b) e Alsina (2009) para falar de jornalismo como construtor da realidade social. Berger e Luckmann (2004a, 2004b) afirmam que a construção da realidade social ocorre de forma objetiva e subjetiva. A primeira está relacionada com a constituição da sociedade e das instituições a partir do saber comum, enquanto a segunda se refere ao saber interno de cada um, dividido em níveis de socialização. O nível primário de socialização se desenvolve nos primeiros contatos da pessoa com o mundo, com influência da família e das primeiras crenças, enquanto o secundário se estabelece a partir de um conhecimento aprofundado, em que se sabe mais sobre determinado assunto do que outro, provocando a chamada distribuição social do conhecimento. Na defesa da ideia de construção da realidade social, os autores

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo no XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação da Fabico-UFRGS, email: tefifontanive@gmail.com.

não citam o jornalismo como fator fundamental para essa construção, mas como parte da manutenção de valores e de determinados comportamentos da sociedade, mas Alsina (2009) discorda. Para ele, o jornalismo e o jornalista exercem um papel fundamental nessa construção. Segundo o autor, a atividade jornalística, em conjunto com outros fatores, constrói a realidade social ao apresentar a sociedade para o leitor, pois, para isso, precisa não apenas redigir notícias (e aqui se entende notícia como todos os textos publicados por jornais), mas também fazer com que as informações circulem, sejam entendidas e reconhecidas (ALSINA, 2009). A reflexão sobre o jornalismo como construtor da realidade social é importante na presente pesquisa para justificar o estudo do outro, já que esse outro faz parte dessa sociedade que é apresentada pelos jornalistas para os leitores. Entender o jornalismo como construtor da realidade social é, também, uma das razões de ele ser entendido como uma forma de conhecimento. Para embasar essa teoria, buscamos Park (2008), Genro Filho (1987) e Meditsch (1997). Ainda sobre a atividade jornalística, trazemos as contribuições de Kovach e Rosenstiel (2014), que apontam dez elementos próprios do jornalismo, sendo um deles essencial para o presente artigo por relacionar-se com o “outro”: o uso de estereótipos. Para os autores, os jornalistas precisam buscar profundidade e afastar-se de conhecimentos pré-concebidos, como é o caso dos estereótipos, enquanto Alsina (2009) tem uma visão diferente. O autor aponta que os estereótipos se dividem em três: positivos, neutros e negativos, e que o uso deles é necessário no jornalismo para que se compreenda a informação que está sendo transmitida. Charaudeau (2013) e Lippman (2008) concordam com o autor ao afirmarem que não se pode explicar todos os contextos e detalhes de um acontecimento em uma notícia, e que é necessário voltar-se para imagens já conhecidas para que a informação seja compreendida — e essas imagens são os estereótipos. Ou seja, o problema não seria utilizar estereótipos no jornalismo, mas sim utilizar de forma inadequada. Para os autores, é necessário que haja um cuidado para não se apresentar o outro com estereótipos com cargas negativas. Partimos, então, para o entendimento de quem é esse outro tão falado ao tratarmos sobre alteridade e outridade a partir de Ricoeur (1991), Lévinas (2004), Sodré (2007), Martino (2009, 2015, 2016), Marques e Martino (2009, 2015), Benetti e Freitas (2017), Freitas (2017) e Treanor (2006). Para Lévinas (2004), a alteridade seria a doação total do eu para o outro, sendo esse outro diferente do eu, um outro que não se pode compreender em sua totalidade. O eu seria responsável por esse outro sem esperar

reciprocidade. Já para Ricoeur (1991), a base da alteridade é essa reciprocidade. O autor apresenta os conceitos de si-mesmo e do outro, dizendo que eles possuem semelhanças e diferenças. Portanto, ao se refletirmos sobre a alteridade, percebemos que ela não é apenas sobre um eu, e, sim, que ela possui outras identidades. Essas identidades seriam a “do mesmo (mesmidade), a do outro (outridade) e do si-mesmo (ipseidade)” (FREITAS, 2017, p. 20). Em resumo, a ipseidade seria a consciência de si, a mesmidade, a semelhança entre eu e o outro, e a outridade, o estudo do outro em sua plenitude. Freitas (2016) avança no estudo da definição do outro pela noção de outridade e aponta que ela existe em duas formas: a plena e a relativa. Na outridade plena, tem-se o outro por inteiro e por completo, com suas características e peculiaridades, já a forma relativa se refere à apreensão que temos do outro, que nos é apresentado e o que é possível supor. Com base na discussão proposta neste artigo, acreditamos ser possível identificar que existem diversos outros presentes no jornalismo: como o outro fonte, o outro repórter, o outro leitor etc. — esses “outros-do-jornalismo” possuem experiências e vivências próprias, que ficam aparentes nos textos jornalísticos, mas a atividade jornalística apenas consegue apresentar o outro em sua forma relativa. O jornalismo é, portanto, uma forma de conhecimento pautada na construção da realidade social e na descrição e contextualização de fatos e ações que ocorrem no cotidiano, apresentando para o leitor ações e informações relativas a momentos e lugares nos quais ele não consegue estar presente para verificar, como aponta Lippman (2008). E para que a atividade jornalística ocorra, ela depende da existência desses “outros”. Acreditamos que, por participar da construção social da realidade, é importante que o jornalismo se preocupe com a maneira como apresenta e aborda o “outro”, evitando a redução desse “outro” aos estereótipos negativos. Assim, discutir a alteridade e a outridade no âmbito jornalístico não deixa de ser uma forma de tentar compreender a construção narrativa desse outro e os dilemas que essa construção envolve.

**PALAVRAS-CHAVE:** outridade; alteridade; outro; jornalismo.

## **REFERÊNCIAS**

ALSINA, Miquel Rodrigo. A Construção da Notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

\_\_\_\_\_. Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004B.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAS, Camila. Alteridade e Jornalismo: A outridade na editoria Mundo da Folha de São Paulo. 124 páginas. Comunicação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.

FREITAS, Camila; BENETTI, Márcia. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. Brazilian Journalism Research. Brasília, DF. Vol. 13, n. 2 (ago. 2017), p. 10-29, 2017.

GENRO FILHO, Adelmo. O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. The Elements of Journalism: what newspeople should know and the public should expect. 3. ed. New York: Three Rivers Press, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre Nós: Ensaio sobre a Alteridade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 42, n. 3, p. 21-40, 2019.

\_\_\_\_\_. Aproximações e ambivalências epistemológicas da pesquisa que se constitui entre a comunicação e o comunicar. Lumina, v. 8, n. 1, 2014.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Comunicação e empatia: explorações na trilha de Husserl e Stein. Questões Transversais, v. 7, n. 14, 2020.

\_\_\_\_\_. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. Parágrafo, v. 4, n. 1, p. 40-49, 2016a.

\_\_\_\_\_. Epistemologia da alteridade: entre a erklären (explicar) e a verstehen (compreender) de outrem. Líbero, n. 37-A, p. 101-108, 2016b.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo Como Forma de Conhecimento. Revista Brasileira de Ciência da Comunicação. p. 25-38 São Paulo, volume XXI, nº 1, jan/jun, 1998.

\_\_\_\_\_. O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento? In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 1997.

\_\_\_\_\_. Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. In: X Encontro da Compós, 2001, Brasília. Anais. Brasília: UnB. 115.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e Construção Social do Conhecimento. Disponível em: <(27) (DOC) Jornalismo e Construção Social do Acontecimento | Eduardo Meditsch - Academia.edu>. 2010.

PARK, Robert. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo dentro da Sociologia do Conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RICOEUR, Paul. O si-mesmo como um outro. Campinas: Papyrus, 1991.

TREANOR, Brian. Aspects of Alterity: Lévinas, Marcel, and the contemporary debate. New York: Fordham University Press, 2006.